



MEMÓRIA E IDENTIDADE: O QUE VEM PRIMEIRO, ANNETTE LAMING EMPERAIRE OU A MISSÃO FRANCO BRASILEIRA?

Tatiana de Lima Pedrosa Santos*

Resumo: *Uma imagem não deve ser instrumento de mão-única, privilegiando um só discurso analítico, mas pode ser usada como instrumento na compreensão de vários discursos e esferas sociais. Essas imagens do “real” podem ser construídas a partir de uma memória comum. Os fatos históricos e acontecimentos são de certa maneira trabalhados em nossas memórias. A história que trago à tona pode ajudar a conhecer um pouco mais sobre a memória e a identidade que relegamos a pessoa de Annette Laming-Emperaire e seus trabalhos na Missão Franco Brasileira, bem como a importância de seu trabalho para a Arqueologia Brasileira. O que viria primeiro Mde. Emperaire ou a Missão Arqueológica Franco-Brasileira?*

Palavras-chave: *Memória. Identidade. Annette Laming Emperaire. Missão Arqueológica Franco brasileira.*

Abstract: *An image should not be one-way instrument, favoring one analytic discourse, but can be used as a tool in understanding various discourses and social spheres. These images of “real” can be built from a common memory. Historical facts and events are somehow worked in our memories. The story that I bring to light may help to know a little more about memory and identity that relegate the person of Annette Laming - Emperaire and their work in Franco Brazilian Mission , as well as the importance of their work to the Brazilian Archaeology. What comes first Mde . Emperaire or the Archaeological Mission Franco - Brazilian?*

Keywords: *Memory. Identity. Annette Laming Emperaire. Archaeological Mission Franco Brazilian.*

*Professora do Curso de Arqueologia da
Universidade do Estado do Amazonas.

Arqueóloga Responsável pelo Laboratório de Arqueologia
Alfredo Mendonça, SEC/AM.

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul, PUCRS.

E-mail: taixpedrosa@yahoo.com.br.



REVISTA
MEMORARE


www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

1. Introdução

Geralmente a figura ou imagem que se tem do “real” é sempre algo a mais do que ela quer demonstrar, então, entendê-las dentro de um âmbito geral significa entender o papel e o trabalho social que ela representa.

Uma imagem não deve ser instrumento de mão-única, privilegiando um só discurso analítico, mas pode ser usada como instrumento na compreensão de vários discursos e esferas sociais.

A razão precisa realizar abstrações. Abstrair significa “isolar”, “separar de”. Fazemos uma abstração quando isolamos, separamos um elemento de uma representação, elemento este que não é dado separadamente na realidade (representação significa a imagem, ou a ideia da coisa enquanto presente no espírito).

No ato de escrita uma determinada obra, todo um trabalho, muitas vezes, torna-se imortal, pois não importa o autor real, de carne e osso, mas a obra em si, ou a reverberação deste trabalho, que por sua vez passa a defender sozinho, uma determinada causa que lhe escapa à medida que é construído.

Assim é comum que as ações (a escrita e o trabalho tomado como um todo) acabem sendo valoradas e julgadas dentro de uma determinada moral adquirindo um valor relativo; até o ponto de uma determinada ação valer, mas que a outra. Estes graus de valor podem também ser atribuídos aos próprios agentes que são tidos ora como bons, ora como maus, ou como melhores e, ou piores. Não há ação que não suscite, por pouco que seja aprovação ou reprovação, segundo uma hierarquia de valores cujos polos são a bondade ou a maldade.

Essas imagens do “real” podem ser construídas a partir de uma memória comum. Os fatos históricos e acontecimentos são de certa maneira trabalhados em nossas memórias. Em seus vieses, a lembrança que é individual pode passar a ser coletiva, bem como a lembrança que é coletiva passa a ser individual. Nossas noções de realidade podem estar atreladas a noções de memórias. E estas, entendidas como fenômeno coletivo e social, são suscetíveis a construções, flutuações, transformações e mudanças constantes (POLLACK, 1992, p. 200-212).

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais



longe, esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar a todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLACK, 1992, p 11-22).

Essa memória herdada sem dúvida nos remete a nossa capacidade finita de guardá-la. Nossa capacidade de relembrar é sempre inexata e falha. Assim estamos sempre em busca de mecanismos que sustentem nossas lembranças (JONES, 2007, p. 251). Dentre esses mecanismos, está a solidez e robustez que creditamos à Cultura Material por nós trabalhada. É como se a “história em si” precisasse de unidade e credibilidade atestada, muitas vezes, por nossos objetos.

A história que trago à tona pode ajudar a conhecer um pouco mais sobre a pessoa de Annette Laming-Emperaire e os trabalhos realizados por ela na Missão Franco Brasileira, bem como a importância de seu trabalho para a Arqueologia Brasileira.

2. Annette Laming Emperaire

Nascida em São Petersburgo, na Rússia, Annette Laming-Emperaire iniciou seus estudos acadêmicos em Paris cursando filosofia e biologia até o começo da Segunda Guerra Mundial. Durante o período da guerra, ela se voltou para as atividades da Resistência Francesa (também participou das atividades visitando prisioneiros e deportados na Alemanha com o fim da guerra). Em 1946, ocorreu seu ingresso, como pesquisadora, no recém-criado *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS) (LAVALLÉE, 1978, p. 224).

Após a guerra, começou a estudar arqueologia e se especializou em arte rupestre. Seu foco passou a ser a arte paleolítica da Europa Ocidental, onde procurou entender e demonstrar as características elaboradas das composições parietais do Paleolítico. Sua tese de doutorado, defendida em 1951 (publicada em 1962) sob a supervisão de André Leroi-Gourhan, intitula-se *La Signification de l'art rupestre paléolithique* (idem, Ibidem, p. 225).

A partir de 1951, junto com seu marido, Joseph Emperaire (etnólogo e arqueólogo), a pesquisadora começou suas incursões pela América do Sul, especificamente na Patagônia chilena. Essas incursões, em sua maioria, foram feitas a partir de “Missões Francesas”, acordos de pesquisa entre instituições de pesquisa da América do Sul e França, e começaram a tomar parte no Brasil em 1955, quando o casal começa a trabalhar com sambaquis no sul do Brasil. Joseph Emperaire tinha sido um estudante de Paul Rivet, teórico que acreditava na possibilidade

do Homem ter chegado à América do Sul através da Ásia antes de chegar a América do Norte (idem, Ibidem, p. 225).

Foi Paul Rivet, então diretor do Musée de l'Homme, que articulou a vinda do casal para América do Sul justamente para que os mesmos dessem o pontapé inicial das pesquisas em loco de sua teoria. As escavações se deram no sul da patagônia, a atividade visava antes de tudo os chamados “mares interiores” de Skyring e Otway, região vulcânica da fronteira chileno-argentina, e nas costas norte e sul do Estreito de Magalhães. Muitos locais pré-históricos importantes foram descobertos e estudados. As pesquisas do casal objetivavam reconstruir as principais etapas da ocupação dessas regiões pelo homem a fim de reconstruir a história dos contornos de uma das extremidades do mundo, como também o processo de adaptação desse homem e as possíveis influências exteriores.

Alternando suas estadias entre um período de pesquisa no extremo sul e outro na França, Annette Laming-Emperaire realiza com o marido a partir de 1955, missões frequentes ao Brasil principalmente no sul, onde eles procuraram vários sambaquis no litoral de São Paulo e Paraná. Muito por conta da semelhança de grande parte da franja de sambaquis da costa atlântica da América do Sul, que tem fronteiras comuns com aqueles que estão nas margens da linha do extremo sul do Chile (Idem, Ibidem, p. 224).

Porém Joseph Emperaire morreu precocemente na Patagônia em 1958, morte brutal a partir de um deslizamento de terra em um dos sítios escavados por ele, o Ponsonby. É a partir desse momento que Emperaire se volta para uma perspectiva mais educacional, pois ela retorna às missões no Brasil acolhendo estudantes Sul-americanos, franceses ou estrangeiros. Em 1960, trabalhou no Brasil, encabeçando seminários e escavações locais. Ela é uma das pesquisadoras que teve a primazia na formação dos arqueólogos brasileiros. Emperaire treinou uma equipe de arqueólogos brasileiros cujas atividades continuarão se desenvolver.

Entre 1960-1966, Annette ocupou o cargo de Professora da Sorbonne, onde lecionou arqueologia pré-histórica. Em 1966 foi eleita diretora de estudos na seção 6 da *École Pratique des Hautes Etudes*, em que era responsável pelo seminário sobre antropologia e problemas da pré-história da América e sua população antiga (LAVALEE, Ibidem, p. 225).

Em 1971, a arqueóloga implementou um extenso programa de pesquisa arqueológica na região de Lagoa Santa, Minas Gerais (seis sítios), área que ficou famosa pelas descobertas de crânios humanos associados à fauna fóssil (área anteriormente escavada pelo paleontólogo dinamarquês Peter Wilhelm Lund sem sequência estratigráfica pendente até então). Ela encontrou um abrigo rochoso no sítio IV, onde em 1974-1975 descobriu a maioria dos ossos do que foi chamado Hominídeo 1 do Lapa Vermelha IV, o mais antigo fóssil humano no Brasil, cerca de 11 mil anos de idade. Ao crânio foi dado o apelido de Luzia.



Em seus últimos anos, Annette foi responsável pela direção em duas frentes de pesquisa do CNRS (Centre National de Recherche social), o R.A. U. (Unidade de Investigação Arqueológica) trabalhando nos problemas da pré-história brasileira, e o RCP (Programa Cooperativo de Pesquisa), que tem como objetivo analisar do ponto de vista metodológico, as pinturas rupestres existentes no Brasil e no resto da América do Sul (Id. Ibidem, p. 225).

No último programa, ela reencontrou um de seus primeiros interesses, o estudo da arte. Sua insaciável curiosidade científica leva finalmente ao Nepal, onde realiza um dos primeiros levantamentos arqueológicos, e na Sibéria, onde pretende encontrar traços do fluxo dos primeiros povoadores da América no final do Pleistoceno. Antes de morrer a U. N.E.S.C.O. e o governo do Uruguai, tinha lhe confiado à responsabilidade de um programa abrangente de arqueologia de resgate na região de Salto Grande, no Uruguai. Infelizmente esse foi um projeto no qual ela não pode finalizar, pois pouco tempo depois, Annette Laming-Emperaire morreu acidentalmente asfixiada em 1976 (Idem, Ibidem, p. 226).

O trabalho de Annette Laming-Emperaire dá um novo tom a “problemas antigos”. Sua reflexão arqueológica não perde o viés histórico no processo de povoamento das Américas. Por isso, torna-se fácil revisita-la nas suas leituras e sua autoria, em virtude de suas importantes contribuições para a arqueologia brasileira e sul-americana.

3. A Missão Arqueológica Francesa.

Entre os anos 1920 e 1970, arqueólogos franceses, brasileiros e americanos encontraram aqui muitos achados, muitas vezes, adotando metodologias diferentes para classificá-los e descrevê-los. Nas palavras de André Prous, a Missão Arqueológica Franco-Brasileira ainda é vigente na pesquisa: houve (e ainda há) várias Missões francesas no Mato Grosso, no Piauí, em Minas Gerais.

Aquela que envolveu Mme Emperaire correspondeu a um acordo com o Museu Nacional do rio de Janeiro; a coordenação administrativa era de M. C. Beltrão, enquanto a coordenação científica era de A. Laming-Emperaire. O financiamento era do Ministère des Affaires Etrangères francês; ao que consta, parece que houve também uma participação financeira (muito restrita) do SPHAN (O IPHAN atual). Esta Missão durou de 1971 a 1977, quando morreu a pesquisadora francesa. O objetivo era retomar pesquisas arqueológicas na região de Lagoa Santa, para aproveitar o rico material preservado no ambiente cársticos, reconstituir as mudanças ambientais, verificar a antiguidade da presença humana e a eventual co-existência do Homem com a fauna extinta.



A missão Arqueológica Franco-Brasileira tinha como objetivo produzir cadernos de Arqueologia da América do Sul no ritmo de quatro cadernos por ano. Esses cadernos conteriam documentos (inventários e análises de sítios, bibliografia crítica), monografias de sítios inéditos, trabalhos de síntese, metodologias orientadas, enfim uma súpula da pesquisa arqueológica americana. (LAMING-EMPERAIRE et al, 1975: 02)

Ao longo do programa, uma parceria do Centre de Recherches Archéologiques du Centre National de La recherche Scientifique com as Universidades e centros de pesquisas brasileiras foram previstas, com o intuito de elaborar um Atlas etno-arqueológico da América do Sul, como publicação prioritária. (EMPERAIRE et al, 1975: 2)

Em meados de 1967, A. Laming-Emperaire fazia parte do corpo docente na École Pratique des Hautes Etudes (EPHE) no departamento americanista em que lecionava um seminário sobre a entrada do Homem nas Américas. Como nos relata Andre Prous;

O seminário tratava da entrada do Homem nas Américas. Foi lá que ouvi falar pela primeira vez da “raça de Lagoa Santa” e da hipótese lançada no início do século por P. Rivet, segundo a qual os Homens de Lagoa Santa seriam aparentados aos Aborígenes australianos e não aos indígenas mongolizados que se teriam difundido mais tarde nas Américas. (PROUS, 2007, p 13).

Paul Rivet, etnólogo francês, pode não ter sido um dos autores que tenha influenciado A. Laming-Emperaire diretamente, mas em um dado momento as pesquisas dele foram subsumidas por ela. Fundador do Musée de l'Homme, em 1937, Rivet propôs uma teoria segundo a qual a América do Sul foi povoada por colonos da Austrália e da Melanésia. Treinado como um médico, ele participou da Segunda Missão Geodésica Francesa no Equador, em 1901. O que possibilitou sua permanência por seis anos na América do Sul.

Sua teoria afirma que a Ásia foi o berço do homem americano, mas também que as migrações tiveram lugar na Austrália e na Melanésia um pouco mais tarde. “Les Origines de l'Homme Américain” foi publicado em 1943, e contém argumentos linguísticos e antropológicos que sustentam sua tese.

L'hypothèse de la parenté des peuples océaniens et des Indiens américains a été émise, il y a déjà bien longtemps, soit qu'on ait soutenu l'origine océanienne d'une partie de la population du Nouveau-Monde, soit qu'on ait cherché à expliquer le peuplement des îles du Pacifique par des migrations venues de l'Est.

(...) Je suis convaincu que l'on pourrait, par une étude comparée plus poussée du groupe Hoka et du groupe Malayo-Polynésien, augmenter encore le nombre des concordances grammaticales que j'ai pu réunir. Celles-ci me semblent suffisantes pour confirmer la parenté des deux groupes, qui ne



m'etait apparue tout d'abord que du fait des concordances lexicales. (RIVET, 1926: 186).

Além da hipótese lançada por Paul Rivet, a região de Lagoa Santa já era bem conhecida na Arqueologia por conta das pesquisas e dos achados desenvolvidos a partir de 1836, pelo naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund (1801-1880).

Grande estudioso, de Botânica e Zoologia, veio ao Brasil em 1825. Nestas excursões, coletou grande quantidade de material, que enviava, em parte, para o Museu de História Natural da Dinamarca. Viajou pelo Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás e Minas Gerais. Os resultados dos estudos botânicos promovidos nesta expedição foram publicados em *Observações a respeito da vegetação dos campos no interior do Brasil, especialmente fito-históricas*, de 1835. (PROUS, 2003, p. 120).

Em Minas Gerais, estudou uma enormidade de fósseis encontrados nas cavernas próximas a Curvelo. Em 1843, Lund encontrou na região vestígios de homens pré-históricos, cujos estudos definiram as características daquele que ficaria conhecido, posteriormente, como o Homem de Lagoa Santa. As descobertas de fósseis humanos levaram Lund, em 1842, a escrever uma carta ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, publicada naquele mesmo ano e intitulada “Sobre a antiguidade do homem de Lagoa Santa”, onde ele discutiu se aquelas eram ossadas fósseis, uma vez que se encontrava em estratos geológicos que também continham fósseis da fauna extinta.

Lund fouilla de nombreuses grottes de la région et y découvrit des ossements humains associés à de la faune fossile. La découverte à cette époque ne pouvait être interprétée correctement. C'est seulement quelque dizaines d'années plus tard, lorsque la contemporanéité d'un homme préhistorique et de certaines espèces quaternaires fossiles fut démontrés pour l'Europe que "l'Homme de Lagoa Santa" devint célèbre. (LAMING-EMPERAIRE, 1975, p. 2).

A partir de Lund, ocorreu paulatinamente à destruição de sítios pré-históricos mineiros, por não se ter uma preparação científica nas escavações realizadas nas grutas e abrigos. Houve a destruição das riquezas pré-históricas da região sem a intervenção das autoridades administrativas ou dos centros universitários de pesquisa. (Idem, Ibidem, p. 3).

Mas em 1956 uma missão americano-brasileira liderada por Wesley R. Hurt comprometeu-se em verificar o problema da descoberta de ossadas fósseis e a fauna pleistocênica extinta. Porém, nada foi posto em evidência em relação à associação de restos humanos e fósseis de animais. No entanto, brasas de níveis mais baixos do abrigo número 6 foram encontradas. Foi então a data mais antiga conhecida na pré-história brasileira (Idem, Ibidem, p. 2).



Impulsionadas por essas pesquisas, nasceu, por volta de 1969-70, às escavações do projeto franco-brasileiro em Lagoa Santa/MG com a participação de especialistas franceses e brasileiros. Foi proposto como principais objetivos da missão franco-brasileira de Lagoa Santa:

- a) Découvrir un abri ou une grotte intacts présentant une sequence stratigraphique suffisamment longue pour effectuer une mise en place chronologique des principales cultures qui se sont succédé dans la région depuis au moins 10.000 ans et de leurs corrélations avec l'évolution du milieu naturel. Cette étude ne doit pas s'interrompre artificiellement au moment de la coquête mais être prolongée et affinée par les données ethnologiques disponibles.
- b) Etudier le type d'occupation du territoire dans la région de Lagoa Santa aux différentes époques tant par les chasseurs collecteurs sans céramique, nomade ou semi-nomades, que par les groupes avec céramique, probablement agriculteurs, qui leur ont succédé. L'ensemble des données actuellement connues montre en effet que les premiers utilisaient les grottes comme abris occasionnels et les seconds comme lieu de sépulture. Il reste à découvrir les campements plus permanents des chasseurs, les villages des agriculteurs, et à amorcer l'étude des modalités d'occupatuon du territoire des uns et des autres.
- c) Entreprendre l'étude des oeuvres rupestres de la région en établissant les grandes lignes d'une méthode d'étude adaptée à leurs conditions particulières d'âge et de signification (Idem, Ibidem, p. 4).

O projeto durou três anos, com possível prorrogação em função dos resultados. E que resultados: a descoberta de fósseis-guia que modificaram os cursos da Arqueologia Brasileira e que consequentemente acabou por chamar atenção para os trabalhos efetuados aqui!

Dentre os achados arqueológicos, ocorreu a constatação no sítio arqueológico de Santana do Riacho, na Serra do Cipó, e de um dos cemitérios mais antigos das Américas, com idade entre 8.200 e mais de 10 mil anos. Próximo dali, no sítio Lapa Vermelha, em Lagoa Santa, a equipe dirigida por A. Laming-Emperaire encontrou um esqueleto da raça Lagoa Santa, datado em cerca de 11 mil anos. Sendo possível assim traçar um perfil dos “homens” de Lagoa Santa, uma população muito homogênea, com feições bastante peculiares (PROUS, 2002).

Achados semelhantes foram registrados também no Estado da Bahia e mesmo na Colômbia. Segundo a teoria recente de alguns antropólogos, seriam aparentados aos ancestrais das populações australianas, que teriam habitado a Ásia continental e migrado tanto para o norte (Beríngia e América) quanto para o sul (Austrália), antes de serem substituídos na Ásia pelas atuais raças amarelas (PROUS, 2002).

Essa foi a Missão Arqueológica Franco-Brasileira! E agora fica a questão inicial: Como é possível esquecer a Missão Arqueológica Franco-Brasileira? Como é possível esquecer o nome de Annette Laming-Emperaire, ou ao que tudo indica relegá-la sempre há um segundo plano...



4. Annette Laming Emperaire e a Missão Arqueológica Franco- Brasileira.

Inicialmente, o texto nos faz uma pergunta intrigante: O que viria primeiro Mde. Emperaire ou a Missão Arqueológica Franco-Brasileira? Isso por que ao começar a analisar as experiências e memórias relacionadas à pesquisadora percebemos que muito do seu trabalho está relacionado à lenda em que se tornou a Missão Franco-Brasileira.

Digo lenda, posto que a Missão Arqueológica Franco-Brasileira teria funcionado como uma Escola Arqueológica no Brasil e sua maior representante seria Annette Laming Emperaire.

Vejam...

A Missão Arqueológica Franco-Brasileira produziu textos de âmbito acadêmico. Foi uma pesquisa centrada cujos textos são resultados de algum dos diversos processos ligados à produção e transmissão de conhecimento.

Ao apresentar resultados, esses textos acadêmicos (fruto desta pesquisa) atende à necessidade de publicidade relativa ao processo de conhecimento. A pesquisa realizada, a ideia concebida ou a dedução feita parecem se não vierem a público; por esse motivo existem diversos canais de publicidade adequados aos diferentes trabalhos. A demonstração do conhecimento é necessidade na comunidade acadêmica, onde esse conhecimento é o critério de mérito e acesso.

O que se vê (e se questiona) em relação à Missão Arqueológica Franco-brasileira é que se reconhece como um projeto que trouxe bons frutos, deixando um legado (os projetos arqueológicos de Minas Gerais e do Nordeste).

A recuperação do conhecimento é um exercício acadêmico. É uma das finalidades do texto acadêmico. Com bastante frequência, parcelas significativas do conhecimento caem no esquecimento das comunidades e das pessoas; a recuperação e manutenção ativa da maior diversidade de saberes é finalidade importante de atividades científicas objeto da produção de texto.

Quase todo conhecimento produzido é contestado. Essa contestação, em que não constitua conhecimento diferenciado, certamente é etapa contribuinte no processo da construção do saber que contesta, quer por validá-lo, quer por refutá-lo. Mas quando não há argumentos, objeções e contestações, fica um vácuo acadêmico, simbolizado neste caso pela própria dificuldade de se encontrar material teórico representativo das bases em que se solidificou o referido projeto.

E voltamos à superficialidade, pois identificar um projeto não por suas bases teóricas e sim associando seus pesquisadores à esfera da orientação de determinados teóricos (vozes mais



preponderantes da Arqueologia mundial) de alguma forma é tornar menos manifesto todo um trabalho construído.

Sobre memória e identidade social, Pollak (1992) nos diz que para além dos acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa. Mas, nesse caso, os personagens parecem obscuros e apenas lembrados por uma parcela da Arqueologia que vivenciou o período.

Nesse, ao tratar sobre memória coletiva, Pollak (1989) nos explica que há um processo de “negociação” para conciliar memória coletiva e memórias individuais. É preciso que haja pontos suficientes de contato e concordância entre as duas, a fim de que essa lembrança possa ser construída sobre uma base comum.

Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, e ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos (POLLAK, 1989, p. 8).

O problema que se coloca em longo prazo para as memórias construídas ou não da pesquisadora em questão é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do “dito” ou “não-dito” à contestação e à reivindicação.

Nós compomos nossas memórias e damos sentidos a elas, muito em virtude do que vemos e ouvimos. O sentido da composição faz parte da relação dialética entre memória e identidade. O processo de recordar é uma das principais formas de identificação quando narra-se uma história.

Reminiscências são *passados importantes* que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes (THOMSON, 1997, p. 57).

Como mensurar a importância de Annette Laming Emperaire para a arqueologia brasileira? Qual a importância da Missão Arqueológica Franco Brasileira para a construção de nossa Cultura Material e na vida e obra da arqueóloga Annette? Porque a existência de uma chamada Escola Francesa associada à Missão e a pessoa da Mde Emperaire?

Como os fatos envolvendo Cultura Material são transformados em narrativas? (PIRIE, 2000, p. 678). A construção dos dados arqueológicos, que vão se posicionando através do tempo e do espaço social, faz-nos refletir sobre a posição, no mínimo peculiar, da arqueologia.



Conforme Hodder, “critical reflexivity has to deal not just with writing but also with those aspects of method which involve scientific observation and natural science techniques” (HODDER, 2000, p. 5).

Assim, os argumentos de que algumas práticas que foram significativas na arqueologia e que são influenciadoras de poder e conhecimento, e que influem diametralmente na maneira em que se articula e se posiciona nossos trabalhos acadêmicos sejam eles de valor empírico ou teórico, são válidos.

Estamos diante de dois fenômenos sociais e acadêmicos cheios de significado e força, não só para um passado acadêmico-arqueológico, mas também como influenciadores e significativos para a cultura material que foi construída a partir deles.

As ideias, os tópicos, as teorias e as metodologias utilizadas por Mde. Emperaire fazem parte de todo o trabalho, uma vida que marca a trajetória desenvolvida por essa pesquisadora e de certa forma desenvolvida em seu trabalho durante a Missão Arqueológica Franco-Brasileira. Esse passado mediado, forjado, escrito e descrito faz parte da obra que tomou significado construindo-se no dia-a-dia dessa arqueóloga reconhecida como professora e pioneira na Arqueologia Brasileira.

Muito ainda há de se dizer sobre a Escola Francesa, a Missão Arqueológica Brasileira e Annette Laming Emperaire. Os elementos constitutivos desse debate não se esgotam aí. Há elementos sociais, históricos, teóricos, embasados nos elementos textuais, verbais e etc. Esses elementos formam o contexto mais amplo e interativo. São vários pontos de vista nessa problemática, que naturalmente podem ser escamoteados, ou podem ser descobertos, isso dependerá da abordagem, embora não deixem de estar presentes.

De um lado se tem o projeto; a ação concreta, intencional e voluntária. Destaca-se a responsabilidade e a participação do sujeito que intenciona o projeto (A Missão). Na outra ponta há um destaque sobre “o que se fala” do projeto. Esse “falar” não deixa de fazer parte da história que constitui o projeto.

Tanto a ênfase no aspecto ativo do sujeito, quanto no seu caráter relacional e negociado, não significa que pretensamente estamos tentando dirimir sua prerrogativa responsiva/responsável. Mas essa noção de sujeito (eu-para-si e o eu-para-outros) implica num exercício em que pensar o contexto fica mais complexo, portanto, mais rico.

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros (POLLAK, 1999, p. 9).



Portanto, a questão não seria responder o que viria primeiro se Mde Emperaire ou a Missão Arqueológica Franco Brasileira, mas sim o endereço que esses dois elementos estruturantes nos levam: A Escola Francesa.

Referências

THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória**: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. Projeto História, São Paulo, 1997.

CHMYZ, I. **As comemorações do Cinquentenário do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná**. Arqueologia, (CEPA/UFPR), Curitiba-PR, v. 4, p. 1-30, 2007a.

_____. **A Trajetória e Perspectivas de um Arqueólogo Paranaense**. Arqueologia (CEPA/UFPR), Curitiba-PR, v. 4, p. 181-211, 2007b.

_____. **A influência de Joseph e Annette Laming na Arqueologia do Paraná**. Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, Curitiba, v. 62, 2010.

COSTA, Miguel Stadler Dias. **Sobre a teoria da interpretação de Paul Ricoeur**. Porto: Ed. Contraponto, 1995.

DE CERTEAU, M. **A Cultura no plural**. Campinas-SP: Papyrus, 1995.

FUNARI, Pedro P. **A Theory in Archaeology, a world perspective**. London: Routledge, 1995b.

_____. **Arqueologia brasileira**: visão geral e reavaliação. Revista de História da Arte e Arqueologia, Campinas-Unicamp, v. 1, p. 23-41, 1994.

LAMING-EMPERAIRE. **La découverte du passé: Progrès récents et techniques nouvelles en préhistoire et en archéologie**. Paris : Picard, 1952.

_____. **Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul**. Manuais de Arqueologia CEPA, Curitiba-PR, 1967.

_____. **Missions archéologiques françaises au Chili Austral et au Brésil Méridional**. Journal de la Société des Américanistes, 1968, persee.fr. Acesso em: 28 de jul. 2012.

_____. **Grottes et abris de la région de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brésil**: premier rapport de la Mission archéologique franco-brésilienne de Lagoa Santa. Paris: École Pratique des Hautes Études, 1975.

_____. **Problèmes de préhistoire brésilienne**. Annales, Paris, n. 5, Sept./Oct., p. 1229-1260, 1975.

_____. **La arqueologia prehistórica**. Barcelona: Martinez Roca, 1984.



LAVALLÉE, Danièle. **Annette Laming-Empeaire (1917-1977)**. Journal de la Société des Américanistes, Paris, v. 65, 1978, p. 224-226.

LEROI-GOURHAN. **Pré-história**. SP: EDUSP, 1965.

PEDROSA, Tatiana. **Arqueologia e interpretação**: a criação de dois modelos arqueológicos para a Amazônia. – Porto Alegre, Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, 2008.

PIRIE, A. **Constructing prehistory**: Lithic analysis in the Levantine Epipalaeolithic. Journal of the Royal Anthropological Institute, Wiley Online Library, 2004.

PLUCIENNICK, M. **Archaeological narratives and other ways of telling**. Current Anthropology, Chicago, Dec., 40(5), p. 653-678, 1999.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

_____. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PROUS, A. **História da pesquisa bibliográfica no Brasil**. Arquivos do Museu de História Natural, v. IV-V, BH-MG, 1979-80, p 19.

_____. **Missão de estudo da arte rupestre de Lagoa Santa**. Arquivos do Museu de História Natural, Belo Horizonte, v. II, 1977.

_____. **A fascinante pré-história de Minas Gerais**. Revista Minas Faz Ciência, Belo Horizonte, n. 11, jun./ago. 2002.

_____. **Desafios da arqueologia**: depoimentos. Erechim: Habilis, 2009.

RICOEUR, P. **O si-mesmo como um outro**. Trad. Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papirus Editora, 1991.

_____. **A metáfora viva**. SP: Edições Loyola, 1983.

_____. **Hermeneutics and the Human Sciences**: Essays on Language, Action and Interpretation, ed., trans. John B. Thompson. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

_____. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: ED. Francisco Alves, 1990.

SHANKS & HODDER. **Interpreting Archaeology**: finding meaning in the past. London: Routledge, 1995.

Recebido em: 30/04/15. Aprovado em: 14/07/15.

